

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ- UFC
PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA
MARIA LEIDIANE AURÉLIO LIMA

AS PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PARA O JOVEM DO CAMPO

Crateús – Ceará

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ- UFC
PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA
MARIA LEIDIANE AURÉLIO LIMA

AS PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PARA O JOVEM DO CAMPO

As perspectivas da educação de jovens e adultos para o jovem do campo

Maria Leidiane Aurélio Lima

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da educação de jovens e adultos, que na sociedade atual se configura como o jovem ou adulto que por diversos motivos abandonaram a educação formal, ficando à margem da sociedade, o que para o jovem camponês é historicamente intensificado pela falta de oportunidades que esse jovem encontra na localidade em que vive. A justificativa de realizarmos este trabalho está em nosso engajamento nas questões sociais e, de trabalharmos no Projovem Campo saberes da Terra e por percebermos nos jovens e adultos inseridos nesta modalidade de ensino, uma falta de motivação. O que nos faz refletir sobre nossa prática educacional, entendendo que estamos procurando aperfeiçoá-la para tornar o nosso trabalho cada vez mais significativo, de forma a despertar algum interesse nesses jovens que se sentem culturalmente excluídos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos – conhecimento.

RESUME

This article presents a reflection on adult education, which in today's society is shaped like the young or adults who for various reasons have left the formal education, getting the margins of society, which for the young peasant is historically intensified by the lack opportunities that this young man is in the locality where he lives. The reason we perform this work is in our engagement in social issues and to work in the field of Earth Projovem knowledge and realize the youth and adults included in this type of education, a lack of motivation. What makes us reflect on our educational practice, understanding that we are looking to improve it to make our increasingly significant work in order to arouse some interest in those young people who feel culturally excluded.

Keywords: Education for Youth and Adults - knowledge.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	05
II.	A EJA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	06
III.	COMO PERCEBEMOS O JOVEM RURAL.....	09
IV.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
V.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	12

I - INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos no Brasil enfrenta diversos problemas. Muitas vezes os jovens não têm uma motivação, pois muitos acreditam que já passaram do tempo e não se sentem motivados o suficiente para freqüentarem essa modalidade de ensino. Por isso acham erroneamente que não devem estudar.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,4 milhões de pessoas acima de 15 anos encontram-se como analfabetas em todo o país (IBGE, 2007). Esta realidade ainda é pior porque a maior parte dessa população faz parte das camadas pobres, de afro-descendentes e de idosos, ou seja, a população que sempre esteve à margem do conhecimento.

Conhecer a realidade dos educandos dessa modalidade de ensino também implica em uma ação política, mas só compreendemos quando perspectivamos nosso olhar para um determinado tempo histórico e cultural, percebendo-se assim, uma mobilização para alfabetizar tanto jovens como adultos.

A história do analfabetismo no Brasil nos mostra um interessante panorama, indicando que compreensão sobre alfabetização de jovens e adultos tinham as campanhas para estes sujeitos.

Nesse sentido o analfabetismo, ora é entendido como um estigma social, trazendo problemas ao progresso do país e a alfabetização, ora é entendido como um direito do cidadão brasileiro a educação.

O aluno de eja possui uma experiência maior que a criança; por ter uma vivência ímpar que deve ser levada para a sala de aula. Negar o que estes sujeitos sabem, parece ser uma nova forma de colocar estes alunos a margem do conhecimento.

Sabemos que a educação de jovens e adultos no Brasil enfrenta dificuldades, principalmente em manter o interesse dos alunos, que chegam cansados do trabalho, no entanto, a proposta do Projovem Campo – Saberes da Terra se apresenta como uma nova forma de pensar a proposta de eja no Brasil, visando à formação profissional e social desse educando.

II- A EJA e a construção do conhecimento

“Conhecimento é uma construção histórico-social. Ou seja, é produzido ao longo do tempo como resultado de intervenção dos homens sobre o meio e a realidade da própria interação que se dá entre eles, nos diferentes contextos. Por ser processo não se encontra de forma pronta e acabada. E por está em constante movimento, que se assumem as novas construções que vão sendo produzidas em diversos momentos, segundo interesses determinados pelas formas como as sociedades se constituem em seus sistemas produtivos” (FREIRE, 1991).

Percebemos que na visão autoritária do processo educativo o conhecimento é reduzido à mera transmissão de experiência o sujeito se depara com situações criadas pelo ambiente, portanto a relação entre teoria e prática é essencial na educação de jovens e adultos, levando em conta que esse sujeito muitas vezes já está inserido no mercado de trabalho, seja ele do campo ou da cidade.

O educador deve considerar o educando como sujeito de sua própria educação e não como objeto dela, respeitá-lo como um ser trabalhador que vai

a escola após longa e cansativa jornada de trabalho, pois na sua maioria o educando de eja é o trabalhador que passa o dia em sua cansativa rotina de trabalho diário. Portanto é necessário que o educador seja um ser politizado, que saiba se colocar na condição de sujeito e não de objeto de decisões, que saiba compartilhar com o educando o que é mais urgente na sua prática pedagógica, ou seja, direcionando o seu trabalho para os objetivos reais que permeiam a sua função de educador, utilizando para tanto das técnicas e instrumentos pedagógicos que possui com dinamismo.

Ao apontar as relações entre alunos e conhecimentos, Freire coloca o aluno como sujeito, e não como objeto do processo educativo, afirmando sua capacidade de organizar a própria aprendizagem em situações didáticas planejadas pelo professor num processo interativo, partindo da realidade desse aluno.

Tais pressupostos criticam os procedimentos pedagógicos que deixam o professor apenas como um mero transmissor de conhecimento: “o que sabe tudo e deposita o conhecimento do aluno, que nada sabe e que somente escuta”, nomeado por Freire com “educação bancária”. Segundo Freire (1980, p. 79):

Assim, a educação passa a ser o “ato de depositar”, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Em lugar de comunicar, o professor dar comunicados que os alunos recebem pacientemente, aprendem e repetem. É a concepção “acumulativa” da educação. (Freire, p. 79. 1980)

Os conteúdos na educação bancária tendem a ser algo sem vida e se petrificar em narrações desencadeadas do momento social vivido. O professor fala da realidade como se ela fosse um momento estático, ou seja, a educação passa a ser um ato de depositar, no qual os alunos são os depósitos. Em lugar de comunicar, dá comunicados que os alunos recebem pacientemente, depois aprendem e repetem. De acordo com Paulo freire:

Na concepção bancária da educação, o conhecimento é um dom recebido por aqueles que se consideram como seus possuidores, aqueles que elas consideram que nada sabem proteger uma ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão. É uma negação

de educação e do conhecimento como processo de procura. O professor apresenta-se aos seus alunos como seu contrário necessário: considerando que a ignorância deles é absoluta, justifica sua própria existência. Os alunos alienados como escravos na dialética hegeliana aceitam sua ignorância como justificativa da existência do professor, mas diferentemente do escravo, jamais descobrem que elas educam um professor. (FREIRE, 1980. p. 79)

Em contraposição, propõe-se uma mudança da relação entre professor e aluno: em vez de adotar uma posição vertical, em que impõe sua visão de mundo, o professor assume uma posição horizontal, de igualdade, favorecendo o diálogo com o educando, onde ambos expõem seus pontos de vista, problematizando a realidade e se problematizando a realidade e se problematizando. Nessa troca, com esse diálogo é que se efetiva o conhecimento.

Entendemos que a relação educador – educando é um aspecto fundamental da organização dos elementos enriquecedores, da aquisição de conhecimento e da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino-aprendizagem que se constituem na transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos, habilidades e competências. Com os jovens e adultos, por seu caráter particular em relação à educação básica, onde trabalhamos não contemplamos sua educação básica em uma escola regular, essa relação se estreita a tal ponto de se levar a confundir com relações fraternais e às vezes até paternais, onde o educando faz do educador uma ponte para o pleno acesso ao exercício de sua cidadania, visando uma capacitação profissional para que se tornem agricultores conscientes da importância da preservação ambiental para as futuras gerações, além de tornarem-se cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Nesse sentido, o processo educativo não deve ser caracterizado pelo recebimento, por parte dos alunos, de conhecimentos prontos e acabados, mas pela reflexão sobre conhecimentos que circulam e que estão em constantes transformações; professores e alunos produtores de cultura; todos aprendem e todos ensinam, são sujeitos da educação e estão em permanente processo de aprendizagem.

O processo educativo no Projovem Campo visa à troca de experiências, onde o educador é um mediador do processo educativo, baseando-se nas pesquisas que são realizadas no tempo comunidade para a partir do compartilhamento dessa pesquisa é feita a intervenção na comunidade, buscando possíveis soluções.

De acordo com o Projeto Político pedagógico, “A legislação educacional brasileira apresenta uma vasta base legal para a instituição de políticas públicas diferenciadas para o atendimento escolar das pessoas que vivem e trabalham no campo”. É nesse diferencial que a proposta pedagógica do Projovem Campo Saberes da terra vem trazer para esses jovens que historicamente estão excluídos da sociedade, seja pela falta de oportunidade, seja pela vergonha de se assumirem como jovem do campo uma nova forma de se pensar a educação do campo, visando uma formação integral desse jovem, onde a qualificação social e profissional é um processo de construto social.

É crescente a necessidade de demanda social por políticas públicas, nessa modalidade de ensino e em outras áreas. As políticas públicas que almejamos devem resultar em um corpo teórico bem estabelecido. E que respeitem as dimensões sociais, econômicas, culturais, cognitivas e afetivas desse jovem e adulto, em situação de aprendizagem escolar. No mundo do trabalho e nas relações vivenciadas pelo educando, o mesmo sente na pele os embates a que está sujeito, na condição de trabalhador rural, quase sempre desqualificado. Mas é nesse mesmo espaço que alarga o projeto de futuro, descobrindo modos de resistir e aspirar a uma profissão qualificada.

III. Como percebemos o Jovem rural

Ao refletirmos sobre a nossa prática no programa Projovem Campo Saberes da Terra nas Comunidades de Ibiapaba, Realejo e Queimadas Crateús-Ceará, inicialmente e Na Comunidade de Lagoa do Barro Ipaporanga-Ceará, onde estou desde o mês de fevereiro de 2011 despertaram o meu interesse em analisar as motivações que levam o jovem campestre a voltar a

estudar, pois muitos se dizem jovens sem perspectivas que não encontram em suas comunidades razões ou atrativos para que busquem escolarização e assim se vêem sem motivação, pois muitos não se identificam como jovens rurais.

A experiência vivenciada nas turmas de Jovens e Adultos fizeram – me despertar para uma realidade até então desconhecida para mim, pois não tinha experiência nessa modalidade de ensino. Percebemos que as turmas apesar de serem turmas com a mesma faixa etária, ou seja, de 18 a 29 anos, são turmas bastante heterogêneas, pois as realidades sociais são diferentes. O que nos faz refletir sobre a nossa prática e procurar envolver estes jovens que são agricultores e estão desmotivados. Buscamos durante o período que estávamos em sala de aula questionar, refletir, instigar esses jovens

Percebe-se que a juventude rural vem ampliando sua visão de realidade e perspectivas através de um conhecimento teórico vinculado à prática rural e que, de certa forma, começa a questionar os limites da tradição no cultivo da terra. Essa reflexão desenvolve sua capacidade de avaliar questões relativas do mercado para seus produtos até políticos agrícolas e as técnicas de cultivo desenvolvidas pelos pais, nesse processo, os jovens e as jovens refletem a interferência e importância do saber científico em sua vida, evidenciando que seu conhecimento prático busca fundamento nas pesquisas mais atualizadas em relação ao trabalho no campo.

Entende-se que há ainda necessidades específicas de formação técnica para que esses jovens agricultores e agricultoras possam estabelecer novas relações e se apropriem de novos conhecimentos na busca por uma maior qualidade de vida no campo, pautada na conscientização ambiental e pelo diálogo com outras formas de saber.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo refletimos sobre a educação de jovens e adultos (EJA) no cenário educacional brasileiro, mostrando através de uma perspectiva histórico-cultural, mudanças nesta modalidade de ensino nos últimos anos. Além disso,

analisamos questões relevantes no processo educativo na EJA, tais como, os sujeitos/alunos e seus saberes, onde o aluno é o foco desse processo, pois o mesmo se vê como um ser passivo em uma sociedade cada vez mais competitiva e onde o jovem do campo se sente inferior em um mundo globalizado.

Ao se analisar as instâncias da EJA quer-se reforçar, mais uma vez, o caráter político da educação. Mas, também de alguma forma, ressaltar a possibilidade do diálogo entre as diferentes concepções de entendimentos sobre a temática principalmente no que envolve a educação de jovens e adultos no Brasil.

Ressaltamos aqui reflexões acerca da nossa prática em sala de aula, onde o Projovem Campo Saberes da Terra apresenta-se como uma proposta inovadora para o jovem tão sem perspectivas a mercê de uma sociedade exclusiva e classificativa.

São inquietações presentes na nossa prática enquanto educadora do Projovem Campo, que muitas vezes sentimo-nos frustrada por não ter como manter o aluno em sala de aula, pois o mesmo vê-se “obrigado” a ir para outras regiões do país em busca de melhores condições de vida.

Consideramos que se fazem necessárias novas perguntas, novas dúvidas, novas reflexões, novas inquietações subjacentes para a prática educativa em educação de jovens e adultos (EJA). Além de uma reflexão acerca das políticas públicas voltadas para o campo, onde os jovens são tão carentes de assistência para essa população, onde os mesmos sintam uma vontade maior de manter-se em seu local de origem desenvolvendo as potencialidades que muitas vezes não são exploradas por falta de uma assistência técnica.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização. **Cadernos pedagógicos do Projovem Campo- Saberes da terra / Brasil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização. – Brasília: MEC/SECAD, 2008. V. 2 – (Projeto Político Pedagógico).

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1991

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Liberdade: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Moraes, 1980.